

# Acolhimento e inclusão: da clínica ao acompanhamento escolar de um sujeito com Síndrome de Down\*

Marisa T. Serapompa\*\*

Suzana M. Maia\*\*\*

## Resumo

*Neste artigo, visa-se discutir a transformação no manejo clínico e escolar ocorrido no trabalho multidisciplinar realizado com uma criança com Síndrome de Down. Trata-se de um estudo de caso de um paciente acompanhado desde os 11 meses de idade em clínica fonoaudiológica particular. As referências teóricas utilizadas foram a teoria da constituição da pessoa de D. Winnicott e as concepções de linguagem de M. Bakhtin, que, juntas, permitiram que os pesquisadores assumissem uma posição na coleta e análise dos dados, que provieram fundamentalmente dos registros de reuniões de equipe realizadas durante os anos de 2003 e 2004. O paciente em questão desenvolveu efetivamente a comunicação por meio da escrita, quando se integrou ao grupo de crianças de sua série escolar. A escrita adquiriu uma função em seu cotidiano, o que permitiu ao paciente sentir-se respeitado em suas particularidades e participar da construção de seu conhecimento. O diálogo estabelecido entre os profissionais, a família e a criança favoreceu a criação de situações de comunicação em um ambiente acolhedor da diversidade, fundamental em um processo de inclusão.*

**Palavras-chave:** diversidade; inclusão; Síndrome de Down; escrita.

## Abstract

*This article discusses transformations in clinical and school follow up in a multidisciplinary approach in the developmental process of a child with Down syndrome. It is a case study of a patient from 11 months of age, registered for two years, regarding speech and language therapy in a private clinic. The theoretical framework for analysis involved both Winnicott's theory of the constitution of a person as well as language concepts proposed by Bakhtin. The interaction of both approaches allowed for an interesting analysis and discussion of the data. The patient developed effective writing communication capabilities when integrated in an age appropriate group. Writing became an important skill in his daily life, allowing for more room for the patient's particular needs and for a more effective process in the construction of knowledge. The dialogue established among professionals, family and child favored the creation of diversified situations of communication critical in a process of inclusion.*

**Key-words:** diversified; inclusion; Down syndrome; writing.

\* Trabalho vinculado à Linha de Pesquisa Linguagem Corpo e Psiquismo do Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP. \*\* Fonoaudióloga clínica, doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (Lael) da PUC-SP. \*\*\* Psicanalista, professora titular da PUC-SP e membro do LET (Laboratório de Estudos sobre Transicionalidade).

## Resumen

*Este artículo tiene como objetivo, discutir la transformación en el manejo clínico y escolar ocurrido en el trabajo multidisciplinar realizado con un niño con Síndrome de Down. Tratase de un estudio de caso de un paciente acompañado desde los 11 meses de edad en clínica fonoaudiológica particular. Las referencias teóricas utilizadas fueron la teoría de la constitución de la persona de D. Winnicott y las concepciones de lenguaje de M. Bakhtin, que juntas permitieron que los investigadores asumiesen una posición en la colecta y análisis de los datos. Estos, provinieron fundamentalmente de los registros de reuniones de equipo realizadas durante los años de 2003 y 2004. El paciente en cuestión desarrolló efectivamente la comunicación por medio de la escrita, cuando se integró al grupo de niños de su serie escolar. La escrita adquirió una función en su cotidiano, lo que permitió al paciente sentirse respetado en sus particularidades y pasó hacer parte de la construcción de su conocimiento. El diálogo establecido entre los profesionales, la familia y el niño, favoreció la creación de situaciones de comunicación en un ambiente acogedor de la diversidad, fundamental en un proceso de inclusión.*

**Palabras claves:** *diversidad; inclusión; Síndrome de Down; escritura.*

## A Educação e a Fonoaudiologia parceiras na reflexão de teorias que determinam a atividade prática

O trabalho do fonoaudiólogo junto à Educação caminha na direção de construir, em parceria, práticas mais significativas de ensino e aprendizagem. Entre as reflexões sobre o tema, ganha destaque o questionamento de abordagens mais tradicionais no que se refere à linguagem, as quais são ainda adotadas tanto no contexto clínico quanto no escolar. A presente pesquisa está pautada na teoria de desenvolvimento humano à luz de Winnicott e sua visão de pessoa humana e na concepção de linguagem em Bakhtin para traçar uma proposta de trabalho fonoaudiológico.

A função central da linguagem em Bakhtin é a comunicação e não a expressão. A comunicação verbal é indissociável da situação concreta e entrelaça-se com a comunicação não verbal. Assim é necessário que os profissionais valorizem qualquer forma de expressão da pessoa e criem condições favoráveis à sua possibilidade de expressão. Atividade mental é social: é o conteúdo a exprimir, seu objetivo é exteriorizar-se, a atividade mental exteriorizada organiza a vida interior. A atividade mental se adapta às possibilidades de expressão tanto do sujeito, quanto da situação de comunicação oferecida.

A expressão exterior insere-se ao contexto do cotidiano não verbalizado, nele se amplia pela ação, pelo gesto, pela resposta verbal dos participantes

da situação de enunciação. Se a atividade mental e a enunciação adquirem maior complexidade a partir da exigência do contexto social, aqui está o papel mediador do profissional.

A linguagem neste trabalho é realizada em enunciação, que é o produto da interação de dois indivíduos organizados socialmente. As enunciações envolvem a linguagem verbal e não verbal. A enunciação é determinada tanto pela situação de comunicação, quanto pelo interlocutor, porque a palavra se dirige a alguém, fato que também influencia nas escolhas da forma de expressão.

O segundo referencial teórico deste trabalho apóia-se nas idéias de D. Winnicott, principalmente no que se refere às tarefas que o ambiente humano deve realizar para favorecer que a pessoa possa seguir o seu processo de amadurecimento e constituir-se como uma unidade, capaz de realizar um gesto criativo em relação ao outro, que marque a maneira singular como está no mundo. É a percepção das necessidades da pessoa e o manejo do ambiente para criar as condições para que ela se expresse.

No que diz respeito à linguagem na visão mais tradicional, impera a idéia de que aquele que não consegue se expressar também tem dificuldades para pensar. Nesse modelo, a linguagem é vista como canal para a representação do pensamento, ou seja, a língua é um código utilizado por um emissor que transmite uma mensagem a um receptor. Desta forma, garantir que a percepção se mantenha íntegra para receber as mensagens é fundamental para a ocorrência da comunicação eficiente.



O desdobramento clínico dessa visão assinala uma perspectiva de trabalho terapêutico, em que a transmissão e a recepção de conhecimento são muito valorizadas. As atividades que visam alcançar a ambas são planejadas e devem ser cumpridas em um tempo previamente determinado. A avaliação também é pautada pela quantidade padrão de conteúdos que devem ser assimilados em cada procedimento.

A memorização, portanto, é considerada uma aptidão fundamental. Para exercitá-la, os profissionais propõem o treino de habilidades, reproduzindo o modelo disponibilizado de acordo com o que é esperado para cada idade e/ou escolaridade e também para cada deficiência.

Assim, as atividades educacionais e clínicas são orientadas e organizadas de modo a apresentar as informações em uma seqüência lógica, de acordo com um grau de complexidade crescente e com o objetivo de instalar novos comportamentos e /ou mudar outros já estabelecidos.

Nessa perspectiva de trabalho, a pessoa é considerada passiva e desprovida de saberes diante de profissionais que dominam e são os provedores do saber correto. A avaliação evidencia o que falta, e o erro deve ser eliminado. A aprendizagem ocorre desde que a metodologia da transmissão seja bem executada e que a recepção da pessoa para o estímulo não falhe. Há um limite máximo a ser atingido e, sendo assim, os profissionais procuram planejar e prever a possibilidade de desenvolvimento da pessoa. Desta forma, os mais diversos conteúdos são apresentados sem conexão com as necessidades da realidade e sem criar condições de reflexão.

Ainda nessa concepção de trabalho, receber informações não basta, é necessário ter cognição bem treinada para processá-las e, assim, elaborar uma resposta certa que assegure a adaptação do indivíduo no ambiente. Cabe aos profissionais, então, elaborar estratégias em torno de tarefas motoras, perceptuais e cognitivas, para estimular o processamento da informação, e a repetição levaria ao automatismo de uma resposta considerada correta.

Em síntese, a apresentação do estímulo em ordem crescente no grau de complexidade constitui a metodologia para a aprendizagem de um padrão de comportamento ou de um conteúdo.

E foi justamente essa a concepção teórica que inicialmente embasou os atendimentos voltados à criança em foco neste artigo.

## **A história de um jovem mediando o diálogo entre Educação e Fonoaudiologia**

Autorizados pela família, descreveremos um recorte da história de um menino com Síndrome de Down, a quem nomeamos Neto, que iniciou atendimento fonoaudiológico aos 11 meses de idade, freqüentando paralelamente a Apae de São Paulo.

Neto foi trazido por sua família num momento em que ela ainda se organizava diante de tantas informações técnicas sobre Síndrome de Down. Seus pais e irmã ao longo dessa convivência não se pautaram por parâmetros sobre a Síndrome de Down, mas construíram junto com seu menino uma história rica em suas particularidades. Muito envolvidos com as necessidades de Neto, não me lembro de algum momento em que estivessem se referindo a Neto que não fosse pelo seu nome. Naquele momento de tantas incertezas e ansiedade, os pais tinham a clareza de que a jornada estava apenas em seu princípio. Motivados pelas expectativas em relação ao desempenho de Neto, sempre se mostraram muito atentos e críticos com os procedimentos adotados para os cuidados com seu bebê.

Quando iniciou atendimento fonoaudiológico, Neto apresentava grande atraso neuro-psicomotor. Neto tinha sérios problemas nas vias aéreas superiores, as intervenções médicas eram pouco eficientes, as medicações, inalções eram muito freqüentes; além disso, o ducto lacrimal vivia congestionado. A alimentação era pastosa e a sialorréia, constante em todos os períodos do dia. Desta forma, o enfoque principal do tratamento foi a motricidade oral e a estimulação de linguagem, em especial a oral que se apresentava nas primeiras vocalizações.

Nessa ocasião, Neto freqüentava estimulação em grupo na Apae nas áreas de fonoaudiologia, terapia ocupacional e fisioterapia.

Com o andamento do trabalho, a partir de 1 ano e 7 meses Neto passou a acompanhar os hábitos alimentares da família; aos 2 anos de idade começou a andar, embora com base alargada, começava a falar as primeiras sílabas e já se destacava positivamente nas atividades entre os membros de seu grupo de atendimento na Apae.

Aos 5 anos de idade, Neto foi encaminhado para escola, o que ocorreu com bastante cuidado, pois sua saúde era muito delicada. A família, juntamente



com a fonoaudióloga-pesquisadora, encontrou então uma escola particular que atendia filhos de funcionários de um Hospital da Zona Norte da cidade de São Paulo e destinava algumas vagas para outras crianças cujos pais não tinham vínculo empregatício com a instituição. Essa escola foi projetada para também receber crianças com necessidades especiais, mas, na época, isso ainda não havia ocorrido.

O projeto contava com sala de lactação e berçário no estilo hospitalar, onde o auxiliar, ao dar banho em uma das crianças, observava as demais dormindo. O refeitório era organizado por uma nutricionista, e os medicamentos eram ministrados por uma enfermeira. O projeto pedagógico contava com oficinas de artes plásticas, e a sala de Educação Física havia sido preparada como espaço de terapia ocupacional.

A inserção de Neto nesse espaço se deu de forma muito acolhedora. Os profissionais dominavam técnicas que atendiam as necessidades básicas de saúde e as condições para o desenvolvimento motor global, além de estarem aptos para estimular o processo de aquisição de linguagem e de socialização de Neto.

Nessa fase, ele emitia frases simples para comunicar-se; trocava de turno nas brincadeiras; não era capaz de fazer escolhas entre alternativas; realizava garatujas no papel e as nomeava. A proposta pedagógica era para que participasse de atividades condizentes com a Educação Infantil no nível de maternal.

Paralelamente, na Apae, Neto não necessitava mais de fisioterapia, e o número de sessões para acompanhamento psicopedagógico e fonoaudiológico havia diminuído. Nessa instituição, como o seu desempenho era bem melhor que o das demais crianças de seu grupo, as atividades desenvolvidas lhe eram pouco desafiadoras. A família, então, questionava a participação de Neto e lutava por mais sessões terapêuticas, condizentes com sua capacidade, e por sua inserção em atividades mais estimulantes das habilidades cognitivas. Porém, as negociações pouco avançavam.

Neto permaneceu na mesma escola regular durante o período em que seu aproveitamento nas atividades grupais foi satisfatório. Em certo momento, ele passou a transitar livremente pela escola e começou a ser difícil para os profissionais con-

tê-lo no grupo de crianças menores, com tão poucas estimulações; ou seja, o benefício para seu desenvolvimento nesse espaço se tornou pequeno. Então, aos 7 anos de idade os pais decidiram mudar Neto de escola.

A fonoaudióloga-pesquisadora indicou um colégio particular da Zona Norte da cidade de São Paulo, com experiência em trabalhar com crianças portadoras de Síndrome de Down, citado como referência pela Apae de São Paulo. Foi iniciado novo e longo processo de adaptação ao espaço escolar, pois a facilidade de socialização não era uma característica espontânea de Neto. Aos poucos, ele foi saindo de debaixo da mesa, local onde se escondia nessa nova escola, e foi se apropriando de seu lugar na relação com as pessoas. Ao entrar em relação com o outro, melhorou seu desenvolvimento na área pedagógica, que nessa fase veiculava atividades mais formais e tradicionais de prontidão para alfabetização<sup>1</sup>.

Essa escola alfabetizava já na Educação Infantil. Ao mesmo tempo, as atividades voltadas ao ensino da escrita na Apae estavam sendo suprimidas, pois, na época, a proposta era justamente instrumentalizar as escolas que optavam pela inclusão de crianças com necessidades especiais, com vistas à multiplicação de pontos de atendimento dessa população.

A proposta pedagógica do colégio era realizar cada nível correspondente a um ano no ensino regular em dois anos para crianças com necessidades especiais. Os níveis que Neto desenvolveria na Educação Infantil eram pré-escolas I e II.

Entre os objetivos escolares principais estavam: socializar, incentivar independência na realização de tarefas diárias, desenvolver a coordenação motora fina, estimular para seguir ordens e para manter atenção e concentração.

Nessa ocasião, o atendimento clínico fonoaudiológico particular estava ainda voltado para expansão de vocabulário e de enunciados mais inteligíveis, bem como para as possibilidades de categorização e ordenação, além de oferecer atividades que exigissem atenção e concentração. A família era estimulada a deixar que Neto executasse sozinho atividades de vida diária e a sair mais de casa com ele, para que vivesse outras situações além das terapêuticas e escolares.

<sup>1</sup> Aqui nos referimos à alfabetização como habilidade de decifrar o código gráfico.



Com o tempo, a sociabilização na escola foi se tornando cada vez melhor e, assim, aumentavam as possibilidades de Neto usar a comunicação oral efetivamente. Porém, ele crescia e seu tamanho destoava em relação ao grupo de crianças da Educação Infantil. Por isso, a família questionava as oportunidades de relação com os outros, pois, além das marcas físicas da Síndrome de Down, Neto tinha mais chance de machucar os menores e, desta forma, poderia ocorrer a sua exclusão do grupo.

A família foi ficando visivelmente incomodada com a proposta de trabalho destinada a Neto. Ele ia ficando cada vez mais aquém das crianças de sua idade, porque o ambiente escolar reforçava sua defasagem com estímulos infantis. A equipe de educadores parecia oferecer pouca oportunidade para que Neto entrasse em contato com desafios a serem compartilhados com seus colegas; assim, ele estava fadado a simplesmente eliminar os erros indicados em suas avaliações.

A equipe escolar e o grupo de especialistas particulares que atendiam Neto, que no momento eram compostos por fonoaudiólogo, psicólogo e psicopedagogo, acreditavam que a prioridade era mantê-lo em contato com atividades às quais pudesse responder do ponto de vista cognitivo.

Estabeleceu-se, pois, um impasse entre a atuação desses profissionais e a necessidade de Neto e de sua família.

E foi justamente o diálogo entre as diversas áreas envolvidas que possibilitou então a revisão de nossas concepções sobre inclusão de uma criança com necessidades especiais, alterando completamente o curso do processo de aprendizagem de Neto, especialmente no que se refere à comunicação escrita.

### **A mudança de paradigma e suas implicações na atividade clínica e escolar**

Com o andamento do trabalho, algumas reflexões sobre os resultados escolares e terapêuticos de Neto foram levando os profissionais envolvidos a questionarem as práticas adotadas, o que acabou motivando a mudança de vertente teórica, com a aproximação e apropriação de outras concepções de sujeito e de aprendizagem.

O primeiro questionamento dizia respeito à forma de incluir o sujeito portador de deficiência no ensino regular. Até então, era consenso entre os

profissionais envolvidos que a inclusão constituía-se na sociabilização. O convívio com crianças normais poderia favorecer o desenvolvimento de linguagem e, portanto, a expressão do pensamento seria mais eficiente, desde que fosse garantida a participação em atividades que atendessem ao desempenho cognitivo de Neto. O treino e a repetição talvez pudessem promover alguma melhora no nível de respostas esperadas nos testes, mas o sucesso dependia da inteligência da criança em questão. Assim, quando ela não se ajustasse mais à rotina da escola normal, seria encaminhada para a escola especial.

Dessa forma, a que se refere esse tipo de inclusão?

Na verdade, os profissionais que trabalhavam com Neto promoviam, até então, a integração que foi implantada no país desde 1960. A equipe sustentava sua posição na medida em que integrava o aluno portador de necessidade especial na classe regular.

A Lei nº 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, prevê que o sujeito com necessidades especiais frequentaria a escola regular, mediante a presença de serviço de apoio especializado; se o aluno não se integrasse seria encaminhado para a escola especial. Ficou estabelecido por lei que deveriam ser realizadas adaptações no currículo e na avaliação, por professores capacitados para integrar alunos com necessidades especiais nas classes comuns.

Nossa criança estava bem-assistida, pois contava com equipe multidisciplinar, frequentava uma escola regular, estava integrada à sua classe, e a própria escola mantinha, em seu quadro de profissionais, especialistas para adaptar seu currículo e suas avaliações. Por que, embora atendesse às exigências legais, nosso modelo não atendia às necessidades de Neto?

O primeiro sinal de alerta deveria ter sido o fato de o aluno especial nessa instituição de ensino não ser promovido como os demais; nesse *status* ele deveria cursar no mínimo duas vezes cada estágio do currículo. Ora, uma das primeiras mudanças trazidas pela LDB, após a Constituição de 1988, foi a “progressão continuada”.

Os profissionais envolvidos com a criança aqui em foco pensavam que, baseando-se nesse princípio, reduziriam a desigualdade, o preconceito e a discriminação, porque Neto poderia responder melhor às atividades propostas ao grupo. Contudo,

embora preocupados com a capacitação e a educação de Neto, não se atinham o suficiente ao compromisso com a qualificação para o trabalho e para a independência dessa criança.

Aos poucos, apropriando-se da idéia de um novo projeto educacional, os profissionais foram sentindo necessidade de um ajuste no plano de atendimento de Neto, do ponto de vista tanto clínico quanto escolar. Todos se mobilizaram e se empenharam num trabalho cada vez menos compartimentado, elaborando um programa educacional que envolvia os diversos contextos de atendimento. Mas isso só foi possível porque os profissionais passaram a se reunir mensalmente para questionar os resultados das estratégias propostas.

Porém, até chegarmos ao trabalho em parceria, pautado pelo diálogo entre os profissionais da equipe, que ocorria nas reuniões mensais, um longo caminho foi percorrido.

### **Neto ganha voz na interação com seu grupo, enquanto constrói a linguagem escrita**

Até certo momento, havia um consenso entre a equipe: a falha estava no sujeito, dependia de sua capacidade intelectual e de sua condição emocional. Porém, essa justificativa deixou de contentar os profissionais, na medida em que Neto respondia de forma assistemática aos estímulos oferecidos.

Se as respostas eram assistemáticas, passamos a analisar o contexto em que ocorriam respostas positivas, que tipo de situação de comunicação favorecia a relação de Neto com o outro ou com um objeto. Fomos deslocando o olhar da falta para a presença de habilidades, sobre as quais foram sendo estruturados os novos conhecimentos. Encontramos, então, uma teoria que sustentava o sujeito ativo na construção do seu conhecimento, a partir da interação com o outro.

A perspectiva bakhtiniana reforça a idéia de que a construção de linguagem só é possível na interação com o outro. Nesse sentido, Winnicott aponta que apenas em um ambiente acolhedor as pessoas podem interagir. Por meio da interação, cria-se a possibilidade de fazer um gesto em direção ao outro, ao conhecimento; é na presença de um outro que o indivíduo pode constituir-se em uma pessoa. Pela comunicação a pessoa se descobre humana, Aguiar (2004) ressalta também que

é na relação com o outro que a pessoa constrói sua identidade. Na interação, a pessoa encontra outras pessoas com suas idéias e sentimentos, avalia e se localiza.

A enunciação é construída em um contexto. Ao observar o contexto com mais atenção, seria mais fácil que Neto se expressasse novamente, porque os profissionais poderiam recriar as condições em que Neto se sentia mais à vontade para se expressar. Afinal a tendência do ser humano é comunicar-se, para trocar experiências.

Desta forma, o currículo escolar passou a ser repensado a partir da relação de Neto com os conteúdos mediados por sua professora. E, nos espaços terapêuticos, ele podia expressar mais livremente os seus pensamentos. Assim, o sentido dos conteúdos oferecidos para Neto estava garantido, porque os profissionais se preocuparam em oferecer atividades inseridas a um contexto de comunicação com o outro.

Toda a equipe trabalhava integrada manejando as situações em que Neto poderia encontrar campo para viver as experiências fundamentais para que sua vivacidade pudesse se manter. Esse movimento exemplifica o conceito de *holding* proposto por Winnicott. O ambiente sustentava o *holding* para que Neto gradativamente encontrasse o que necessitava para prosseguir em seu processo de desenvolvimento.

O processo de construção do pensamento é iniciado na vida em grupo, de modo que a pessoa assume um papel em sua *práxis* diária. A atividade busca a relação entre conhecimento cotidiano e científico e a relação entre pensamento e experiência. Logo, a atividade propicia a interação da pessoa consigo e com as outras. É necessário ter em mente que a ação do indivíduo em um grupo o transforma internamente, tanto quanto modifica o ambiente. Desta forma, a interação com o outro passa a ser o centro de interesse.

Quando a Educação se propõe a acolher a diferença, percebe, na prática, que a singularidade não é prerrogativa de pessoas com necessidades especiais. Acolher a diferença é reconhecer a natureza do desenvolvimento humano, que é, por excelência, singular. A partir dessa concepção, o educador cria situações de comunicação contextualizadas em um ambiente favorável para que ocorram relações entre pessoas.

Ao compreender que incluir é mais do que integrar, o trabalho escolar e clínico ampliou seus parâ-

metros para decidir a adaptação do conteúdo pedagógico trabalhado. Em seguida, apresentamos o efeito dessa mudança de manejo para vida de Neto.

Para apreender o processo de inclusão de Neto ao cotidiano de sua classe, utilizamos aqui os registros das reuniões mensais da equipe multidisciplinar, realizadas na escola a partir de 2004. Delas participaram o psicólogo, o psicopedagogo, o fonoaudiólogo, o diretor da escola, o coordenador pedagógico e o professor de sala. Ao final de cada bimestre, a mãe de Neto também participava das reuniões, e, a partir de 2005, foram incluídos, em todas as reuniões, o psicólogo e o fonoaudiólogo escolares.

As reuniões com a equipe que acompanhava Neto eram mensais e registradas; os relatos eram entregues aos profissionais presentes na reunião seguinte. Esses relatos do comportamento e aproveitamento de Neto na escola serão aqui utilizados para a análise do processo de mudança de atendimento clínico e dos resultados obtidos.

Um dos aspectos interessantes de observar é que, embora Neto tenha ingressado na escola em 2000, os registros sistemáticos sobre seu desempenho na escola começaram apenas em 2004 (segunda série), quando a conduta educacional passou a ser outra. Até então, a concepção teórica da equipe foi pautada pelo cognitivismo e pelo behaviorismo. Neto suportou essa estimulação até 2001 (pré II), mas, em 2002 (pré II novamente), já dava sinais de que não executaria atividades sem sentido, sem relação com sua história, com seu contexto.

Em 2003 (primeira série), a equipe clínica já procurava alternativas do ponto de vista educacional, porque a escola orientava o professor sobre as atividades que era o objetivo da primeira série, mas Neto nada produzia. Neto foi encaminhado para o Instituto de Psicologia da USP para reavaliação do processo de desenvolvimento, quando foi questionada a linha de atendimento.

Embora o ambiente fosse acolhedor e favorecesse a relação com o outro, as concepções de linguagem e de aprendizagem pareciam não corresponder a esses princípios. Neto sempre precisava cumprir etapas, era visto de acordo com o resultado que obtinha em cada uma dessas etapas, e a sua maneira própria e singular de se apropriar da escrita não era considerada.

A família começou a questionar todo o trabalho e a compreender que o desempenho do garoto estava relacionado ao contexto em que estava in-

serido. Pôde ouvir a queixa de Neto sobre o seu isolamento, a necessidade de relação com os outros, e compreendeu então ser esta uma condição fundamental para favorecer o seu desenvolvimento. A família percebeu isto, embora não conseguisse se desprender ainda dos desafios pedagógicos.

Inicialmente, o comportamento da família foi analisado como fruto da ansiedade em ver Neto alfabetizado. O que a equipe oferecia era uma escuta para a ansiedade, mas, aos poucos, pudemos de fato acolher a demanda, preocuparmo-nos mais com o desenvolvimento daquele ser humano que se apresentava diante de todos nós com sua particularidade. A construção do conhecimento ocorreria a partir da sua interação com o outro. Aqui se manifestavam os sinais de mudança que ocorreu na condução do caso, pois caminhávamos no sentido de valorizar a interação em um ambiente favorável à comunicação de Neto como uma prioridade para o seu desenvolvimento.

Por que Neto não respondia às propostas escolares se na sessão de terapia demonstrava condições para isso? Começava a ser pensada a hipótese de nova mudança de escola, no ano seguinte. Quanto mais discutíamos, mais parecia urgente a mudança de abordagem educacional. Ao final da primeira série, após muitos debates entre a equipe, chegamos a um consenso sobre algumas das mudanças que deveriam começar em 2004.

A primeira alteração foi quanto à promoção de Neto. A questão mais gritante era a quebra de vínculo que ele construía com seu grupo ao longo de cada ano letivo, porque constava em seu planejamento sua permanência na mesma série para obtenção de respostas adequadas com relação ao aprendizado da escrita. Os assuntos discutidos em sala de aula, as escolhas de lazer, as amizades construídas, enfim fatores que promoviam a relação de Neto com o outro se perdiam a cada ano, porque fazia o currículo de modo mais lento.

Ao retê-lo simplesmente na mesma série, considerávamos exclusivamente o que Neto havia construído do ponto de vista pedagógico; e desconsiderávamos suas participações em debates, as relações intelectuais e afetivas com seus colegas. Priorizávamos respostas estabelecidas por um sistema de ensino que passou a estar em cheque nessa instituição, em particular nessa equipe de profissionais.

Outra alteração pedagógica foi em relação aos objetivos de permanência na instituição: os está-



gios não poderiam mais ser conduzidos, de tal forma que a escola se responsabilizasse apenas pela escolaridade até a quarta série, cumprindo dois anos cada série, pois isso aniquilava qualquer possibilidade de considerar o rendimento específico de Neto.

Ao refletir sobre as questões de singularidade de Neto, abrimos caminho para a percepção de que os demais alunos também tinham singularidades, que poderiam e deveriam ser aproveitadas em sala de aula, por enriquecer com conteúdos significativos a aprendizagem dos conteúdos formais. Essa escola já não era a mesma, a singularidade não era só de Neto, mas de todos e de cada um.

O segundo ponto modificado foi a forma como seria conduzido o processo de apropriação da linguagem escrita na escola e no atendimento clínico. O professor de sala passou a ser assistido diretamente pela equipe toda, a clínica e a escolar; a professora não estava mais só e, em contrapartida, passou a registrar diariamente a evolução de Neto, facilitando a análise do processo de desenvolvimento em suas várias faces.

Diante desses relatos, observamos que, no primeiro bimestre da segunda série, Neto negava-se bem menos a realizar as atividades propostas. O acolhimento do próprio professor pela equipe de especialistas pareceu surtir efeito na relação entre este profissional e Neto, já que o professor e as atividades até então eram os mesmos do ano anterior.

Ao trazer o professor, que era a pessoa que interagira com Neto diariamente e que mediava as situações de comunicação com o grupo, para decidir com a equipe multidisciplinar sobre a estimulação de Neto, as condições do atendimento escolar e clínico melhoravam. Além de ser um momento de capacitação do professor, ao trocar informações com os profissionais de outras áreas, isso enriquecia o processo de reflexão desses clínicos.

Os resultados surgiram assim que o professor dirigiu seu olhar para Neto e observou que as atividades repetitivas e fora de um contexto propiciavam poucas respostas. Assim que mudou de estratégias, Neto interagiu mais com seu o grupo, aliás, foi solicitado pelo grupo a participar de atividades. Dava retorno nas atividades formais, além de estar mais independente na execução das tarefas, oferecendo indícios do que veio à tona em 2005 – a elaboração escrita era-lhe mais interessante do que codificação e decodificação de sinais gráficos. As conquistas manifestavam-se para além do conteú-

do formal, e Neto sentia-se cada vez mais à vontade na relação com o outro. Marcava mudanças em seu comportamento ao distrair-se conversando com colegas de classe.

O processo de transformação só foi possível porque houve disponibilidade entre os interlocutores para uma transformação na relação com o outro. O outro aqui visto não apenas na pessoa de Neto, mas nas pessoas que interagiam com ele – professora, colegas, equipe pedagógica da escola e equipe clínica. Dessa forma, foi criado um ambiente favorável para comunicação, em que se perceberam as pequenas diferenças de comportamento de Neto para adaptar o conteúdo formal a ser abordado. Na prática, foram oferecidas situações que deram contexto para a atividade com linguagem escrita, considerando a história de Neto e seu grupo de colegas no processo de construção da escrita de toda a classe.

Um novo fenômeno se apresentava à atividade clínica: a lapidação da linguagem. Neto precisava expressar-se com maior clareza, pois apresentava uma variação no ritmo de sua fala, que poderia lembrar uma gagueira. É importante destacar que o fonoaudiólogo vai trabalhar de acordo com as necessidades do menino, uma vez situado em um fluxo contínuo de desenvolvimento. Apropriando-se mais e mais do objeto-escrito, abre um espaço para outras necessidades. As necessidades são definidas pela pessoa e não pela Síndrome de Down da qual Neto era portador, caso contrário o destino já estaria previamente traçado se família, equipe e escolas tomassem como verdade a descrição de uma síndrome.

O fonoaudiólogo que trabalha com crianças com necessidades especiais enriquece a sua abordagem se situá-la eticamente alinhada a um favorecimento de melhores condições de vida, em que a autonomia e a liberdade, direitos inerentes à condição humana, possam ser perseguidas.

Nos momentos iniciais do processo de terapia, a família era encorajada pelo fonoaudiólogo – pesquisador a realizar passeios que apresentassem Neto ao mundo e que criassem situações de comunicação contextualizadas. Por outro lado, o encontro com as teorias de Bakhtin e Winnicott, que valorizam cada qual à sua maneira a dialogia e a necessidade da presença de um outro para que a pessoa possa se constituir como tal, reafirmaram a importância desse movimento e ofereceram subsídios que colocaram em marcha a inclusão de Neto em esfe-





ras sociais diferentes. A vida em sociedade pressupõe a interação entre as pessoas, para seu desenvolvimento como ser humano. Neto necessitava acessar o conhecimento da humanidade por meio da interação verbal.

O fonoaudiólogo-pesquisador centrado na interação, inserida em um ambiente acolhedor, pôde criar, na atividade clínica, situações que favoreceram a comunicação de Neto para além da esfera clínica. Nas reuniões com a equipe educacional de Neto, compartilhamos nossas experiências e, a partir dos debates, íamos construindo em grupo nossas condutas. A criação de espaço ia além de elaborar estratégia para atingir um conteúdo; exigia a sensibilidade de perceber a voz de Neto, para que este se apropriasse da linguagem e a utilizasse de forma criativa<sup>2</sup>, atendendo a suas necessidades cotidianas na relação com o outro.

A comunicação é ferramenta essencial para que a pessoa se aproprie dos significados veiculados pela linguagem; assim, Neto foi apreendendo o conhecimento disponível em sua cultura e foi cada vez mais se desenvolvendo, ao mesmo tempo em que, por meio da comunicação, a equipe também se enriquecia.

Oferecer espaço para manifestação da diversidade cultural é permitir que se manifeste a criatividade do sujeito, Winnicott (1988) ensina que tudo que ocorre a alguém é criativo, exceto quando é arruinado. A clínica e a escola estavam mais atentas e por isso perceberam respostas bem singulares de Neto.

Para exemplificar: Neto mostrava-se entusiasmado com a idéia de crescer, fazia planos sobre a futura profissão. Desenvolveu habilidades que permitiram que passasse a perceber sutilezas da língua, divertia-se com piadas, ele mesmo mostrando-se mais espirituoso, engraçado. Um outro exemplo vem da escola: quando participou do projeto de expressão corporal, foi o mais criativo e participativo de seu grupo. O aproveitamento de conteúdos discutidos em sala de aula transcendeu as paredes da escola e páginas de livros, chegando a outros ambientes que freqüentava. Os passeios foram muito aproveitados, discutidos, Neto pôde brincar tanto sozinho quanto com seus colegas e com os professores.

As dramatizações no espaço de terapia se apresentavam cada vez mais ricas em vocabulário, em

estrutura sintática; a fonoaudióloga-pesquisadora se colocou na posição de escriba de seus textos orais, geralmente narrativos. O processo de elaboração requer questionamentos para garantir coerência e coesão de seu discurso, para expandir seus enunciados, mas sua criação havia sido respeitada. Enquanto Neto produzia textos orais em terapia, na sala de aula produzia textos escritos.

Tem sido visível o quanto a criação de textos orais tornou-se instrumento de elaboração de seu cotidiano, indicando que a linguagem floresce quando colocada à serviço do sujeito, é usada de forma criativa, e este se sente reconhecido pelo outro da maneira que é, com suas particularidades.

### Considerações finais

O trabalho fonoaudiológico na Educação pode colaborar na construção da inclusão de pessoas com necessidades especiais ao Ensino Regular. O diálogo entre a equipe é fundamental para criar situações em que a comunicação seja eficiente. Muitas vezes enquanto os profissionais priorizam as habilidades para execução de tarefas preestabelecidas, sem ter em vista a pessoa que se apresenta com as suas características reais, perde-se um tempo precioso no desenvolvimento dessas pessoas especiais.

A disponibilidade de uma pessoa para interagir com a outra é fundamental, para que se crie um ambiente favorável ao desenvolvimento humano. Lembrando aqui que o desenvolvimento abrange todos envolvidos com a atividade dialógica: alunos especiais ou não, pacientes, profissionais clínicos ou da educação.

Neste caso em particular, os pais acreditaram nas possibilidades de desenvolvimento desse menino. Ao acreditar em Neto, lutaram pela criação de ambientes acolhedores para a ocorrência de seu desenvolvimento. Isso não significou abrir caminhos para que Neto fosse bem recebido pelo mundo, mas sim oferecer ferramentas para que conquistasse seu espaço no mundo.

A contribuição do fonoaudiólogo no processo de inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais ou não inclui a atuação sobre suas dificuldades específicas, como o manejo junto à família e à escola, para a criação de situações que favo-

<sup>2</sup>“... uma generalização que enfeixe atos sem respeitar o que há de singular pressuporia agentes absolutamente iguais entre si, bem como uma única situação de ação no âmbito de uma dada atividade o que em nada corresponde à condição humana” (Sobral, 2005).



reçam seu processo de inclusão na vida, com o respeito que todos os seres humanos merecem. A constituição de um ambiente acolhedor das diversidades humanas é tarefa para muitos, e o fonoaudiólogo tem uma contribuição relevante nesse processo.

## Referências

- Aguiar VT. O verbal e o não verbal. São Paulo: UNESP; 2004.
- Bakhtin M. Marxismo e filosofia da linguagem. 10.ed. São Paulo: Hucitec; 2002.
- Brait B. Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto; 2005.
- Brasil. [Constituição(1988)] Constituição Da República Federativa Do Brasil, 1988/ Org.: Iracema Almeida Valverde, Carlos Sampaio, Dilene Da Paz Gomes E Rosanie Martins Da Veiga – 2ª Ed. Atualizada Até A Ec Nº38, De 12/06/2002 – Rio De Janeiro: Expressão E Cultura, 2002.
- Maia S. Winnicott pelo olhar de Gilberto Safra. *Distúrb Comun* 2005; 17(2):págs 265-266.
- Massi GA, Berberian AP. A clínica fonoaudiológica voltada aos chamados distúrbios de leitura e escrita: uma abordagem constitutiva da linguagem. *Rev Soc Bras Fonoaudiol* 2005;10(1):43-52.
- Niskier A. LDB: a nova lei da educação: tudo sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional: uma visão crítica. Rio De Janeiro: Consultor; 1996.
- Serapompa MT. Avaliação de leitura na fonoaudiologia: delimitando os princípios teóricos e suas implicações clínicas [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2003.
- Sinpro Sp. Lei de diretrizes e bases da educação + direitos dos professores São Paulo. SINPRO; 1996.
- Sobral A. Ato atividade ou evento In: Brait B. Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto; 2005. p. 11-36.
- Tahan L, Maia S. A função terapêutica em fonoaudiologia. *Distúrb Comun* 2005;17(1):115-21.
- Vygotsky LS. Pensamento e linguagem Lisboa: Antídoto; 1979.
- Vygotsky LS Formação social da mente. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes; 1991.
- Winnicott DW. Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes; 1988.
- Winnicott DW. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1988.

**Recebido em** janeiro/06; **aprovado em** novembro/06.

### **Endereço para correspondência**

Marisa Troitiño Serapompa  
Rua Voluntários da Pátria, 4370, conj. 15, Santana,  
São Paulo, CEP 02402 600

**E-mail:** [mtsalex@terra.com.br](mailto:mtsalex@terra.com.br)

